



CONED

IV Congresso Nacional em Educação

EDUCANDOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE QUEIMADAS

Inclusão em contexto da pandemia da Covid-19

Magna da Conceição Saraiva

UFVJM – PPGED

Diamantina – Brasil

magnasaraivasarro2012@hotmail.com

Rúbia Odilene de Deus

PUC MINAS

Belo Horizonte – Brasil

rubiaodd@gmail.com

RESUMO

A finalidade deste trabalho é analisar em que medida os alunos oriundos do Quilombo de Queimadas encontram na Escola Estadual Ministro Edmundo Lins, Serro, Minas Gerais um espaço de afirmação de sua identidade, respaldados pelas conquistas formalizadas na legislação. Portanto, pretende-se observar se existe uma relação direta entre a cultura local de Queimadas e as práticas educacionais realizadas na escola que recebe estudantes dessa comunidade. Para tanto, utiliza a revisão bibliográfica e recolhe dados junto aos atores/sujeitos que compõe a comunidade escolar referida.

Palavras-chave: Comunidades Quilombolas. Educação. Movimento Negro. Pandemia.

INTRODUÇÃO

Hoje vivemos um momento em que os recursos tecnológicos estão por todo lado, facilitando a vida das pessoas. Porém, para os estudantes quilombolas e outros da zona rural, estes recursos estão disponíveis no espaço da cidade, onde a escola se encontra. Em suas comunidades de origem estes recursos não são acessíveis e nem naturais.

Neste sentido, é inevitável o confronto com o desafio absolutamente novo que a pandemia tem significado na vida escolar. A Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação aponta:

Os dados indicam que a educação pública remota vincula e potencializa questões sociais e econômicas e que a SEE as minimizou em seu desenho, linearizando a oferta. Não foram encontradas ações ou estratégias destinadas aos alunos da educação especial, quilombola, indígena e de jovens e adultos. As percepções dos usuários apontam para duas questões: os riscos de a educação remota aprofundar as desigualdades sociais e educacionais e a adoção de estratégias de formação virtual, apoiadas pelas tecnologias, pós- pandemia. (OLIVEIRA, 2021, p.84)

Portanto, percebemos ainda maior necessidade de observar a realidade dos alunos quilombolas no contexto da pandemia, uma vez que a crise sanitária atinge, com maior violência, aquelas parcelas da população que já vinham sofrendo a negação de direitos, a exclusão ou a desigualdade.

Precisamente esta constatação perpassa nossa pesquisa ao refletirmos acerca da inclusão dos estudantes quilombolas: até que ponto percebemos a escola como lugar simbólico de afirmação ou de negação identitária. O que nos perguntamos é como a escola – na qual todos somos sujeitos – pode ser lugar de encontro cultural, de troca, reconhecimento. Ao mesmo tempo nos perguntamos em que medida a escola tem sido um lugar de replicação do racismo estrutural, cuja complexidade exige análise aprofundada e constante.

REFERENCIAL TEÓRICO

Encontramos na obra de Nilma Lino Gomes o norteamento de nossa pesquisa uma vez que todo seu trabalho vem demonstrando ao longo do tempo que a luta por direitos evoluiu a partir do Movimento Negro, concretizando-se em conquistas na forma de lei. “E uma lei não é somente mais uma norma: é resultado de ação política e da luta de um povo cuja história, sujeitos e protagonistas ainda são pouco conhecidos.” (GOMES, 2012, P.103-104).

A autora prossegue orientando nossos questionamentos assim como apontando caminhos na luta por direitos. Ao nomear o Movimento Negro como “educador”, Gomes(2017) demonstra quanto já foi conquistado em termos de legislação e de seus

efeitos na formação de professores, por exemplo, assim como na descolonização dos currículos. Entretanto, entendemos como tarefa nossa concretizar ações locais de reconhecimento da cultura local, perfazendo assim um caminho de confronto ao que Gomes denomina “persistência do colonialismo.”

Com efeito, pautamos nossa reflexão direcionados pelo que propõe Gomes ao afirmar que “é nosso objetivo fazer emergir o protagonismo do Movimento Negro na relação educação e movimentos sociais.” (GOMES, 2017, p.42.)

Entretanto, uma vez que nosso olhar se aprofunda especificamente sobre a realidade de alunos oriundos da Comunidade Quilombola de Queimadas, também consideramos sua contextualidade no Vale do Jequitinhonha, referendados pelos estudos de João Valdir Alves de Souza, que entendemos fundamentais para compreender a identidade de Queimadas.

METODOLOGIA

Nossa abordagem metodológica é documental e qualitativa e se perfaz em três etapas, a saber, estudo do referencial teórico, baseado em autores como Nilma Lino Gomes e Clóvis Moura; pesquisa documental, especificamente o Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Ministro Edmundo Lins; na análise das planilhas de controle da aplicação do Regime de Estudo não Presencial(REANPE) e questionário aplicado aos sujeitos selecionados –isto é – alunos, professores, através de perguntas de caráter abertas, ou livres, ou também não limitadas, que permitam ao interlocutor responder livremente, usando linguagem própria e emitindo opiniões. Reunidas as respostas, podemos obter em forma descritiva, e outras de acordo com análise de estatísticas.

Desejamos, portanto, compreender a identidade quilombola dos estudantes para com eles dialogar e construir um espaço de inclusão e de afirmação de identidade. Com efeito, segundo Gomes (2015), as comunidades negras rurais compartilham uma história em comum, restos de um regime escravocrata que foi marcado durante séculos de exploração. Assim vários quilombos começaram a se adaptar a espaços, territórios com simbologias, religião, construindo suas territorialidades próprias.

De acordo com a Fundação Cultural Palmares – FCP, no ano de 2007, encontra-se em Serro cinco comunidades remanescentes dos tempos de quilombos, sendo: Baú, Ausente, Vila Nova, Fazenda Santa Cruz e Queimadas.

A organização subjetiva, presente em todo tipo de comportamento ou expressão humana, é um campo considerado complexo, o próprio pesquisador é parte da pesquisa e suas indagações são fatores importantes em todo o processo. (González Rey, 2005). Por essa razão torna-se significativo considerar, enquanto pesquisadora, minha própria vivência tanto como docente, ao longo de doze anos, na Escola Estadual Ministro Edmundo Lins, quanto como aluna oriunda da zona rural.

Com efeito, passei boa parte da minha infância na zona rural, era “gente da roça” como falavam as pessoas da cidade. Para mim existia um grande deslumbramento pela cidade e, de longe, sempre observava as luzes da cidade. Aquelas luzes exerciam em mim um fascínio perturbador. Um misto de curiosidade e encantamento, uma vontade de estar ali onde existia luz.

Na roça os dias eram sempre iguais e as notícias vindas de fora chegavam pelo rádio à pilha, que trazia a “Voz do Brasil”. O jornal falava muitas coisas que eu não entendia. Falava de política e fatos de um período próximo ao fim do regime militar. Eu não gostava. Não gostava de ver meus pais calados e pensativos. Vez ou outra a palavra EDUCAÇÃO vinha à tona. Eu também não entendia o que era. Um dia perguntei a meu pai e ele respondera: “Ah! É sobre escola. E escola é onde a gente aprende a ler e escrever. Quando você fizer seis anos você vai para a escola lá na cidade.”

Aquilo nunca mais saiu da minha memória. O ir para a cidade. O ir para a escola representava muito para mim. Era mais que uma aprendizagem, era uma emancipação importante. A escola representava para mim muito mais que um lugar onde se aprendia ler e escrever, era onde eu encontrava o “povo de fora”.

Cada um, em particular busca algo mais na escola e é peça importante em todo processo. Cada história partilhada no espaço escolar representa a elucidação da aprendizagem no âmbito das trocas de experiências e contextualização de histórias que se cruzam.

E foi com esse olhar, talvez poético, utópico que decidi aprofundar um pouco meus estudos nessa área. Foi analisando vários de meus alunos, suas histórias, ouvindo relatos, sonhos que me deparei com muitas histórias que foram ao encontro de minha trajetória de vida e meus anseios ao ingressar em uma escola da cidade.

Nosso intuito é antes de tudo e com maior atenção *ouvir* nossos alunos da comunidade Quilombola de Queimadas, recolhendo suas falas por meio de questionários, ouvir também outros atores da comunidade escolar como os docentes e direção. Acreditamos que ao revisar a bibliografia atual em torno deste tema e, ao mesmo tempo, dar voz aos estudantes e professores pode nos ajudar a compreender o momento histórico que estamos vivendo e projetar ações locais para realizar nossa tarefa educadora de modo transformador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como referimos acima sobre os atores-sujeitos que configuram a comunidade escolar, entendemos a importância de observar também a realidade das famílias e dos professores diante o desafio imposto pela pandemia. Para este fim, nos valeremos das reflexões de Rudá Ricci, o qual aponta quatro erros pedagógicos que estamos cometendo. Acompanhando as discussões da ong Cultiva, por ele presidida, também temos encontrado um espaço de troca de experiências e de reflexão conjunta.

A Revista IHU, da Unisinos tem publicado diversos artigos e pesquisas que trazem dados relevantes para refletirmos sobre a realidade da Educação brasileira de modo geral. Acreditamos que compreender o contexto mais amplo em que nosso questionamento sobre inclusão de estudantes quilombolas se insere é igualmente necessário.

Portanto, consideramos que este trabalho configura-se como ponto de partida para construir uma base teórica que sustente nossa pesquisa tendo em vista a concretização de ações de inclusão. Queremos compreender a realidade da qual fazemos parte e estabelecer junto com nossos alunos e a partir de suas vivências uma escola que seja espaço de inclusão e protagonismo, perfazendo um caminho de superação das desigualdades que a pandemia atual vem agravando.

REFERÊNCIAS

EUGENIO, Rodney William. Revista Nures | Ano XI | Número 31 | setembro-dezembro de 2015

GOMES, Nilma Lino. **Relações Étnico-Raciais**. Educação E Descolonização Dos Currículos. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr, 2012.

_____. **O Movimento Negro educador**. Saberes Construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

OLIVEIRA, Breyner Ricardo de. OLIVEIRA, Ana Cristina Prado de. JORGE, Gláucia Maria dos Santos. COELHO, Jianne Ines Fialho. **A implementação da educação remota em tempos de pandemia: análise da experiência do Estado de Minas Gerais** RIAEE–Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 84-106, jan./mar. 2021.

RICCI, Rudá. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/os-erros-pedagogicos-que-estamos-cometendo-durante-a-pandemia/> Acesso em 22 jul 2021.

SOUZA, João Valdir Alves de. **Vale do Jequitinhonha** – Formação, História, Populações e Movimentos. Disponível em: https://issuu.com/mteles13/docs/vale_jequitinhonha Acesso em 22 jul 2021.